



Jean Wiart restaurou o facho da estátua da Liberdade; trabalha atualmente nos EUA.

Mãos que moldam o mundo

Os Compagnons honram a tradição secular dos artesãos europeus.

JOSEPH A. HARRISS

EM PRIMEIRO lugar, Jean Wiart ajudou a restaurar a enorme tocha de cobre da estátua da Liberdade, uma peça de 6,5 m. Depois, construiu uma torre muito alta para a Igreja Presbiteriana da 5.^a Avenida, em Manhattan. Mais recentemente, fabricou à mão os portões e corrimãos de ferro forjado das casas de Ralph Lauren e Madonna.



Pascal Pichery trabalhando um elegante friso de um castelo de Saumur.

Esse tímido e excepcional ferreiro originário de Champagne, no Leste de França, tem uma explicação simples para o fato de ter obtido um tão grande triunfo no Novo Mundo com a ajuda de sua pequena equipe de artistas sediada em Paterson, Nova Jersey. «Na América, não é normal jovens talentosos escolherem uma profissão manual», percebeu ele. «Minha gente e eu nos especializamos em nossa arte, porque todos somos produtos do melhor programa francês de formação profissional.»

Eles são *les compagnons* (os companheiros), descendentes espirituais de uma tradição multicentenária do artesanato francês e herdeiros dos

membros das guildas medievais que engalanaram a França com sua coroa de catedrais e castelos. Os *Compagnons* são uma das raras instituições da antiga França a sobreviverem a revoluções, perseguições religiosas e modernos estudos científicos.

Se acreditarmos no que nos contam esses cultores do trabalho manual, eles pulam da cama todos os dias esfregando as mãos de satisfação com a expectativa de mais algum problema por resolver. «Para nós, ir para o trabalho nunca significou um esforço», explica Wiart. «Quanto mais difícil e complexo for o caso que tivermos nas mãos, mais estimulados nos sentimos.»

Seus antepassados, em termos de profissão, foram os canteiros e carpinteiros que ajudaram a construir e a manter o rico acervo de catedrais e igrejas da França, grandes e pequenas. O mais antigo documento conhecido sobre os Compagnons é um manuscrito medieval na Biblioteca Nacional de Paris, que os descreve sendo recebidos com pompa durante o cerco dos árabes a Rhodes, em 1480. Nas Cruzadas, acompanharam os cavaleiros templários para construir fortalezas e igrejas cristãs. Mais tarde, em 1887, quando projetava sua torre, Gustave Eiffel escolheu um carpinteiro de 27 anos entre os *compagnons* para seu mestre-de-obras.

No início do século XIX, os Compagnons tinham tal fama no mercado de trabalho que obrigavam os patrões que não aceitavam suas condições a fechar as portas, boicotando sua atividade. E nenhum operário se atrevia a furar uma greve por eles decretada. Mas a industrialização maciça, com suas máquinas e a indiferença do proletariado em relação ao trabalho de artífice, fizeram que o grupo entrasse em declínio. Entre as duas grandes guerras, o número de membros chegou a ser inferior a 5000 — muito distante dos 200 000 que havia em 1830.

Mas desde a Segunda Guerra Mundial, numa era de progresso tecnológico, os Compagnons vêm se impondo mais uma vez de maneira extraordinária. Hoje, guildas de artesanato na França preparam jovens em cerca de cem ofícios, seja a fa-



O pedreiro Patrick Kalita exhibe sua bengala de Compagnon e sua Ferrari esculpida em pedra.

bricação de chocolate, a fotografia ou a prótese dentária. São eles quem restaura esforçadamente as torres da Notre-Dame de Paris, quem aplica seu escopro com arte no Arco do Triunfo e no Louvre, quem recupera os românticos cavalos alados do alto da Ópera de Paris. Também ajudaram a perfurar o novo Túnel do Canal, a construir a nova pirâmide transparente à entrada do Louvre e a fabricar o foguete espacial Ariane. Uma idéia eles têm em comum: o trabalho manual é uma vocação nobre. Como se pode ler na tabuleta colocada à porta de uma oficina: «O trabalho de tua mão ensina-te o valor das coisas da Terra» — idéia pouco vulgar numa época em que mui-

tos de nós digitamos teclas de plástico para pôr elétrons em movimento.

Uma das razões para o ressurgimento dos Compagnons, como fez notar o célebre jornal parisiense *Le Monde*, é o fato de «os detentores de cursos superiores terem dificuldade em entrar no mercado de trabalho». As guildas de artesãos «surgem cada vez mais como a garantia de uma formação de alta qualidade, um passaporte para o futuro».

Num país cuja taxa de desemprego é de 11,5% — mais de 25% entre jovens —, «são muito poucos os *compagnons* desempregados», exulta Jean Champigny, provincial de uma guilda de Tours. «Os empregadores os agarram logo que terminam seu curso.» Depois de formados, 45% deles montam empresa própria, 30% são chefes de oficina, 10%, técnicos, 6%, arquitetos ou engenheiros, e 6%, professores. E quase nenhum deles vive de subsídios do governo.

Seu êxito é notável por se basear em métodos artesanais herdados da Idade Média: transmissão oral de segredos profissionais de mestre para aprendiz; anos passados a trabalhar sob a direção de mestres diferentes em oficinas da guilda, numa série de cidades (na gíria do meio, chamam a isso de «Volta à França»); e finalmente o projeto de um *chef-d'oeuvre* (literalmente, 'obra-prima'). «Todos os que aderem aos Compagnons só para conseguirem emprego vão por mau caminho», avisa Laurent Bastard, curador do Museu das Guildas de França, à margem do rio Loire, em Tours. «Ser um Compagnon tem

a ver com fraternidade e partilha. O grupo está se saindo tão bem, não só porque melhor do que ninguém transmite saberes das artes e ofícios, como por recomendar aos jovens pontos de referência moral praticamente ausentes na generalidade.»

Um candidato a Compagnon pode propor sua admissão assim que deixa a escola. «A primeira coisa que procuramos identificar num jovem é se está motivado, se é modesto, se aceita bem críticas e se é paciente e persistente», diz Michel Lamarque, secretário de uma das federações com sede em Paris. «Só se seu perfil for correto é que passaremos à fase seguinte, para ver se ele é bom artífice.» O interessado precisa ser aprovado num teste de conhecimentos gerais e de aptidão manual. Em certas guildas, pode ser-lhe exigido passar uma semana numa de suas casas, observando e sendo observado.

As guildas colocam os novos aprendizes em empresas locais, que lhes ensinam os rudimentos de seu ofício a troco de cerca de metade do salário mínimo nacional (cerca de 600 dólares na França). No fim de dois anos, se estiverem se saindo bem, podem iniciar sua Volta à França, coisa que leva de seis a oito anos.

Uma «volta» típica começa em Paris, segue pelo vale dos rios Sena, Saône e Rhône, para o Sul, até o Mediterrâneo; depois, sobe pela costa atlântica até Nantes e volta-se para leste, pelo vale do Loire. Os aspirantes passam normalmente de seis meses a um ano em cada cidade. Um Compagnon local aceita o novo

artesão sob sua proteção e orienta-o na aquisição de novas técnicas, novas funções, novos instrumentos e novos materiais. Todos os dias, depois do trabalho, o candidato janta rapidamente e a seguir assiste a aulas noturnas sobre sua atividade.

Veja a descrição das várias experiências proporcionadas ao canteiro Patrick Kalita em sua volta: Depois da aprendizagem em Marselha, ele foi para o Norte ajudar a restaurar o famoso anjo sorridente da catedral de Reims. Seguindo para sudoeste, para Bordéus, aprendeu técnicas de aparelhos de areia comprimida para tratamento de superfícies de pedra, ao mesmo tempo que limpava uma série de fachadas de edifícios antigos. Voltando a percorrer o país, passou meses construindo adegas em Estrasburgo. Depois, voltou a Paris, para a restauração do Arco do Triunfo, substituindo pedras na abóbada grande por cima da Chama Ardente e limpando a pátina da Marselhesa, o turbulento tributo do monumento à Revolução. Seguiu então para o Sul, para a Provença, onde aprendeu a trabalhar com afrescos em Avignon, e transpôs o Atlântico para o último ponto de sua escala, Montreal.

Atualmente trabalhando por conta própria, Kalita ainda se mostra entusiasmado ao recordar suas viagens e pergunta: «De que outra maneira, a não ser com os Compagnons, poderia ter viajado assim, adquirido tanta experiência, encontrado tão boa gente e aprendido como funciona o mundo?»

Por outro lado, pela forma como se dedicam a seus ofícios, estes jovens aprendizes adquirem algum conhecimento de «como funciona o mundo». Segundo a tradição medieval, esperava-se dos Compagnons que se mantivessem solteiros durante a Volta à França. Mesmo hoje, as guildas continuam fechadas para as mulheres. Se houvesse mulheres no grupo, escreve um autor francês que estudou exaustivamente os Compagnons, «o tempo livre tradicionalmente dedicado à pesquisa e ao trabalho pessoal seria usado de maneira diferente».

Mas há uma mulher profundamente envolvida na vida do grupo: a dona de casa de cada guilda — *la Mère*. Todas as casas de guildas têm uma, muitas vezes a mulher de um Compagnon estabelecido, que garante a boa ordem da casa e a preparação e qualidade das refeições. Ela também verifica se os jovens aprendizes se comportam de acordo com a Regra. Colocada bem à vista na sala de jantar e lida em voz alta diante de todos os recém-chegados, a Regra proíbe «ler à mesa, empregar expressões grosseiras, criticar quem estiver ausente, dar origem a disputas ou envolver-se em discussões em voz alta, sujar a mesa ou o chão com nódoas, deixar por consumir pão ou qualquer outro alimento». Qualquer aprendiz apanhado violando tais preceitos paga ato contínuo uma multa simbólica. «Nunca tivemos muito trabalho com nossos rapazes», confessa Marie-Claude Baraldo, *Mère* numa casa em Paris. «Adoro vê-los de-

sabrochar quando começam a dominar a sua arte.»

Antes da iniciação, o obstáculo final é o *chef-d'oeuvre*, a «dissertação» de fim de curso do artesão, apresentada perante um júri de Compagnons veteranos. Os candidatos integram nela complexidades de estrutura e concepção, tornando o projeto o mais refinado possível.

Um caso exemplar: o *chef-d'oeuvre* do jovem ferreiro Frédéric Signoud. Seu objeto escultural, de aspecto simples, é um ômega de cerca de 18 cm por 10 cm. «Discuti idéias com meus orientadores durante três meses, antes de receber a luz verde para algo que eles acharam suficientemente original», conta ele.

Signoud deu forma a uma porção retangular ligando quatro faces planas através de uma estrutura interna, ao mesmo tempo que criava a parte arredondada, moldando seções semicirculares e unindo-as de maneira a formarem um tubo. Explica ele: «Quando comecei, esperava gastar de 350 a 400 horas. Mas, no fim, o trabalho me levou 700 horas, todo o meu tempo livre. Mas valeu a pena, porque o júri chegou à conclusão de que, com isso, me tornei um Compagnon de pleno direito.»

«O princípio orientador por trás da 'obra-prima' é mostrar que o candidato conhece seu ofício por dentro e por fora», esclarece o curador Laurent Bastard enquanto visitamos o museu de Tours. Parando junto a uma vitrina com uma jóia que representa uma escada em miniatura, ele chama minha atenção para a

parte inferior. «Pode-se fazer deslizar a peça de baixo destacando-a. Não há motivo para isso, a não ser mostrar que quem a montou era capaz de fazer uma coisa diabolicamente difícil.»

Depois de aceito o projeto do candidato, o novo Compagnon recebe um nome cerimonial e um bastão de junco com uma maçaneta ornamental de chifre, marfim, prata ou madeira, gravado com os emblemas da profissão, o nome e a data em que foi aceito na confraria. Essa peça fica colocada num ponto bem visível dentro de casa. Nos casamentos, o Compagnon e seus pares erguem seus bastões, cruzando-os, para os noivos passarem por baixo. Quando alguém morre, pode levá-lo consigo no caixão.

É também possível usá-lo para celebrar os muitos dias de festa da guilda. Todos os ofícios têm um santo padroeiro e, quando entrei numa casa em Paris onde padeiros Compagnons prestavam tributo ao seu, resoavam no teto forrado de madeira de carvalho as canções tradicionais da guilda, muitas delas melancólicas, expressando a nostalgia da Volta à França. Nas mesas, dourados pães enfeitados com grinaldas de espigas de trigo. Um deles tinha 1,20 m de altura e a forma da França. Todos os jovens Compagnons estavam de casaco e gravata e era impossível identificar ali um olhar distraído, um rosto deprimido ou mesmo cabelos compridos. As cantorias prosseguiram até a meia-noite, hora em que deram as mãos e formaram

uma roda em volta da *Mère*, antes de se deitarem.

As guildas francesas abrem-se cada vez mais ao mundo exterior, começando o intercâmbio de programas com artesãos de outros países europeus. Atualmente, há casas na Alemanha, Suíça, Bélgica, Holanda e Canadá. Dentro em breve, eles poderão ajudar artífices da Europa Oriental a retomar os processos de fabrico de seus avós antes do domínio comunista.

À semelhança do Super-Homem, ultimamente os Compagnons têm aparecido para ajudar a América a salvar seu patrimônio. Um punhado deles tomou um avião para a Carolina do Sul, em agosto de 1990, para participar da reparação dos prejuízos causados pelo furacão Hugo, colocando novos telhados em mansões e restaurando mobílias antigas danificadas. Antes disso, dez Compagnons especialistas em trabalhos em metal concentraram-se na estátua da Liberdade para reconstruir a tocha, corroída por décadas de infiltração

de água, trabalho particularmente complexo, porque se perderam num incêndio todos os desenhos originais. Eles utilizaram um instrumento muito antigo, chamado quadro de medição, para desenharem a tocha em três dimensões. Depois fabricaram moldes de aço a partir da maquete e pregaram com malhos de madeira 23 placas de cobre, temperando-as repetidas vezes para mantê-las maleáveis. O toque final foram 5000 quadrados de folha de ouro, aplicados por uma equipe de especialistas — pai e filho — vindos de Paris.

Depois de os Compagnons completarem mais um trabalho em Nova York, um membro de uma firma de arquitetos daquela cidade, feliz com o resultado, escreveu-lhes: «Vocês estabeleceram um nível de qualidade que todos os artesãos deviam seguir.»

Mas atenção: para alcançar esse nível, seria conveniente poder contar com 500 anos de tradição, mais uns tantos para fazer a Volta à América. E nem pensar em garotas, hein?

© 1996 DE JOSEPH A. HARRISS. «SMITHSONIAN» (JUNHO DE 1996), WASHINGTON. FOTOS: PÁGINA 55, © DE MARC FERRI; PÁGINA 56, © DE F. X. SEREN; PÁGINA 57, © DE STEVE MUREZ

Fora de ação

A COMPLACÊNCIA é uma influência maligna que esgota as energias, entorpece as capacidades de reação e provoca preguiça mental. O primeiro sintoma é a satisfação com as coisas tal como elas são. O segundo é a rejeição das coisas tal como elas poderiam ser. «Está bem assim», torna-se na palavra de ordem de hoje e no modelo do amanhã. A complacência faz que as pessoas temam o desconhecido, desconfiem daquilo que não experimentaram e abominem o novo. Tal como a água, as pessoas complacentes seguem o caminho mais fácil: aquele que desce. Buscam falsas energias olhando para trás.

— *Bits & Pieces*